



(RE)PENSAR A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO ENSINO SUPERIOR: SABERES, COMPETÊNCIAS E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Karla Maria Lima Figueiredo Bené Barbosa¹

Resumo: Este artigo analisa a relação entre educação para o empreendedorismo, desenvolvimento de competências empreendedoras e produção de conhecimento no ensino superior, considerando o papel das Instituições de Ensino Superior como espaços estratégicos de formação crítica, inovadora e colaborativa. O estudo de caráter teórico e qualitativo foi realizado por meio de revisão bibliográfica e análise interpretativa de obras clássicas e contemporâneas publicadas, permitindo sistematizar conceitos e identificar contribuições relevantes para o campo. Os resultados indicam que, embora a educação empreendedora esteja presente em políticas institucionais e currículos acadêmicos, sua efetiva implementação enfrenta desafios, como a visão restrita ao mercado, currículos fragmentados e práticas pedagógicas tradicionais. Observa-se que o desenvolvimento de competências empreendedoras exige experiências acadêmicas integradas a projetos inovadores, atividades extracurriculares e práticas colaborativas, promovendo autonomia, criticidade, criatividade e responsabilidade social. Além disso, a produção de conhecimento no contexto universitário deve ser compreendida como processo coletivo e interdisciplinar, articulando ensino, pesquisa e extensão e gerando soluções inovadoras e contextualizadas. Conclui-se que a consolidação de uma educação empreendedora crítica e emancipatória depende da reconfiguração epistemológica e pedagógica das instituições, com vistas a formar indivíduos capazes de intervir de maneira criativa, ética e responsável na sociedade. O estudo contribui para reflexão sobre o papel estratégico das IES na formação de sujeitos autônomos, críticos e comprometidos com a inovação e a transformação social.

Palavras-chave: Educação para o empreendedorismo. Competências empreendedoras. Ensino superior. Produção de conhecimento. Inovação acadêmica.

¹Karla Maria Lima Figueiredo Bené Barbosa (<http://lattes.cnpq.br/2895619870327359>). Professora Assistente e Analista Universitário da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Docente Permanente do Programa de Doutorado em Difusão do Conhecimento da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Internacionalização do Ensino, Gestão do Conhecimento e Aprendizagem (INTERGESA). Feira de Santana, Bahia, Brasil. karla@uefs.br

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o empreendedorismo passou a ser compreendido como um fenômeno associado à inovação, à procura de soluções para problemas complexos e ao desenvolvimento de competências voltadas para autonomia, criatividade, protagonismo e, não apenas, como a criação de novos negócios. Nesse entendimento, o ensino superior oportuniza saberes e conhecimentos, ocupa um lugar estratégico na formação de sujeitos capazes de intervir na realidade de forma criativa, crítica e produtiva, articulando saberes acadêmicos e práticas inovadoras. Compreende, ao mesmo tempo, uma condição e parte integrante do processo de construção e de inserção social (Charlot, 2013).

Partindo do princípio de que a educação é mola propulsora de orientação e de sentido (Morin, 2000), compreende-se que a educação para o empreendedorismo emerge como uma proposta que objetiva a promoção de competências essenciais ao mundo contemporâneo. A sociedade do conhecimento, marcada pela complexidade, incertezas, instabilidades e pelo dinamismo, demanda indivíduos capazes de aprender continuamente, de inovar em diferentes contextos, de visão global do mundo e das suas transformações e de construir soluções criativas e colaborativas. A educação empreendedora surge como resposta a esses desafios ao propor metodologias que favoreçam o desenvolvimento da autonomia intelectual, da capacidade de iniciativa, da resolução de problemas, do pensamento criativo e da cooperação.

Toda a transformação impulsionada pela globalização, pela revolução tecnológica e pelas mudanças nos modos de produção, exige das Instituições de Ensino Superior (IES) novas formas de atuação. É importante que as IES forneçam aos estudantes uma formação cultural sólida e ampla de modo a desenvolver o espírito crítico, a criatividade, a liderança, o empreendedorismo, a disponibilidade para inovação, a resiliência, e a capacidade de negociação que os preparem para enfrentar com eficiência e eficácia as exigências cada vez mais sofisticadas do processo produtivo.

Autores como Dornelas (2023), Dolabela (1999), Fillion (1999), McClelland (1973) e Timmons (1994) analisaram a formação empreendedora como um processo que envolve tanto a produção de conhecimentos, o desenvolvimento de atitudes e habilidades. Assim, pensar a educação para o empreendedorismo no ensino superior implica considerar a complexidade das competências que precisam ser fomentadas, evitando desse modo, a mera transmissão de conteúdos teóricos ou a simples orientação/informação sobre abertura de negócios.

Pensar a educação para o empreendedorismo requer a integração de múltiplas dimensões do aprendizado, articulando competências cognitivas, socioemocionais e éticas com habilidades e capacidades de resolução de problemas complexos, liderança e trabalho em equipe; possibilitando, deste modo, que o estudante não apenas identifique oportunidades, mas também transforme desafios em soluções inovadoras (Kuratko, 2016).

Para além disso, a educação para o empreendedorismo inspira entusiasmo, curiosidade e autoeficácia nos estudantes, influencia a tomada de decisão, instiga a capacidade de transformar novas ideias ou invenções em projetos comerciais de sucesso, aumenta as emoções dos estudantes para se aventurarem em novos negócios, e possibilita a abertura de novos horizontes. Para Henrique e Cunha (2008), existem motivos que justificam o ensino de empreendedorismo, como: as grandes mudanças nas relações de trabalho; a não-adequação do ensino tradicional para a formação de empreendedores; as relações/parcerias entre IES e empresas ainda incipientes no Brasil; a insuficiente percepção da importância das pequenas e médias empresas (PMEs) para o desenvolvimento econômico; e a cultura da grande empresa que predomina no ensino profissionalizante e universitário.



Nas páginas ímpares, a partir da página 3, inserir os sobrenomes dos autores, alinhados à esquerda, em Times, 10 pt, usando o seguinte formato:

Para um autor: Silva

Para dois autores: Silva e Souza

Para três autores: Silva, Souza e Ferreira

Para quatro ou mais autores: Silva *et al.*

Contudo, ainda que o tema sobre empreendedorismo conste em políticas institucionais, planejamentos curriculares e agendas governamentais, há muitos desafios significativos quanto à integração desses princípios no ensino superior. A educação para o empreendedorismo é, muitas vezes, associada a iniciativas voltadas à lógica do mercado ou à criação de empresas, limitando o potencial do fenômeno. Torna-se então, importante discutir o empreendedorismo numa perspectiva crítica, dialógica e formativa, que considere as dimensões sociais, culturais e epistêmicas envolvidas.

Faz-se necessária ainda, uma reflexão acerca dos currículos, metodologias e práticas pedagógicas do ensino superior para que a formação de competências empreendedoras possibilite a construção de conhecimento significativo, interdisciplinar e contextualizado, contribuindo para a formação de indivíduos capazes de compreender e intervir na realidade, propondo soluções criativas e inovadoras, assumindo o protagonismo em diferentes áreas do saber.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar, em uma perspectiva teórica, a relação entre educação para o empreendedorismo, desenvolvimento de competências empreendedoras e produção de conhecimento no ensino superior. Busca-se compreender de que modo a formação empreendedora pode contribuir para a construção de indivíduos críticos e criativos, e como as instituições de ensino superior podem promover ambientes que favoreçam a produção colaborativa do conhecimento. Como objetivos específicos, definem-se: discutir os fundamentos teóricos da educação para o empreendedorismo no contexto universitário; analisar o conceito de competências empreendedoras e suas implicações para a formação acadêmica; e refletir sobre a articulação entre produção de conhecimento e práticas empreendedoras no ensino superior. Como suporte teórico, apoiam essa discussão autores nacionais e internacionais que tratam de empreendedorismo educacional, cultura empreendedora, competências profissionais e produção do conhecimento

Para o desenvolvimento deste trabalho, adotou-se uma abordagem de natureza teórica, com base em revisão bibliográfica e análise conceitual, buscando articular diferentes perspectivas e identificar contribuições relevantes para o campo. A fundamentação teórica considera autores clássicos, como Schumpeter (1982), Drucker (2016) e McClelland (1973), assim como pesquisadores contemporâneos que discutem a educação empreendedora no âmbito universitário, como Dornelas (2023), Dolabela (2008) e Fillion (1999). Esse diálogo teórico permite compreender o empreendedorismo em sua dimensão formativa, epistemológica e sociocultural.

Justifica-se a importância do estudo pela necessidade de fortalecer o papel das IES como espaços de experimentação e transformação, capazes de formar indivíduos que atuem de maneira crítica, criativa e inovadora. Além disso, contribui para fomentar o debate sobre as habilidades e competências necessárias na contemporaneidade e sobre como a educação pode promover o desenvolvimento de capacidades empreendedoras que se articulem com a produção de conhecimento.

METODOLOGIA

Este trabalho enquadra-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada em uma abordagem teórico-conceitual. Foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica com análise interpretativa, considerando que o objetivo central é sistematizar conceitos e referenciais sobre educação para o empreendedorismo, competências empreendedoras e produção de



conhecimento no ensino superior. A opção por essa estratégia metodológica justifica-se pela necessidade de reunir diferentes perspectivas teóricas, não com a pretensão de esgotar as discussões existentes, mas de oferecer uma leitura aprofundada e coerente dos principais aportes conceituais que sustentam tais temas.

A busca bibliográfica foi realizada em bases nacionais e internacionais de ampla relevância acadêmica, como SciELO, Google Scholar, ERIC, Scopus e Web of Science, contemplando publicações nos idiomas português e inglês e espanhol. Utilizaram-se combinações de palavras-chave relacionadas ao tema, tais como “educação empreendedora”, “competências empreendedoras”, “produção de conhecimento”, “ensino superior” e “entrepreneurial education”. A seleção dos materiais considerou a relevância teórica, consistência argumentativa e aderência ao escopo do estudo, priorizando livros, artigos científicos e documentos institucionais reconhecidos na área.

O recorte temporal adotado abrange publicações entre 1973 e 2023, contemplando obras clássicas e contemporâneas consideradas fundamentais para o campo. Entre os autores selecionados destacam-se McClelland (1973), Schumpeter (1982), Timmons (1994), Drucker (2016) e Dornelas (2023), cujas contribuições permitiram estabelecer um diálogo entre diferentes matrizes teóricas sobre o fenômeno empreendedor e seus desdobramentos educacionais.

Como toda revisão bibliográfica não sistemática, reconhecem-se limitações inerentes, como a ausência de um protocolo rigidamente estruturado e o risco de viés na seleção das fontes. Contudo, para mitigar tais fragilidades, buscou-se diversificar os referenciais consultados, incorporando autores clássicos e contemporâneos.

A principal contribuição do estudo reside em seu caráter conceitual e propositivo, oferecendo bases para a ampliação do debate acadêmico e subsidiando futuras investigações empíricas ou ensaios teóricos que aprofundem a interface entre educação e empreendedorismo.

EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO NO ENSINO SUPERIOR

Observa-se que o século XXI é marcado pela transição de uma economia baseada em recursos físicos para uma economia orientada por conhecimento, inovação, tecnologia e criatividade (Drucker, 2016; Bell, 1999). Nesse novo paradigma, o empreendedorismo deixa de ser compreendido apenas como prática econômica voltada à criação de negócios para tornar-se um fenômeno multidimensional, associado à capacidade humana de criar, realizar e transformar realidades (Filion, 1999; Schumpeter, 1982).

Neste sentido, as Instituições de Ensino Superior (IES) assumem um papel estratégico. Elas deixam de ser apenas transmissoras de conteúdos técnicos e passam a ser vistas como ecossistemas de inovação, capazes de mobilizar competências cognitivas, emocionais e sociais, promovendo autonomia intelectual e protagonismo estudantil (Dias Sobrinho, 1999; Etzkowitz; Leydesdorff, 2000).

Desta forma, as IES são os principais atores e pontos de partida para este processo, representam fontes multiplicadoras do saber. E, neste ponto, à medida que o conhecimento se torna cada vez mais um componente importante no atual ambiente competitivo, as IES desempenham um papel cada vez mais amplo. A educação para o empreendedorismo consolidou-se como um campo emergente, especialmente a partir das transformações sociais, econômicas e tecnológicas dos últimos anos, não se restringe à criação de novos negócios, mas amplia-se para a formação de indivíduos capazes de inovar, liderar processos, resolver problemas complexos e intervir criticamente em diferentes contextos (Dornelas, 2023).

A educação para o empreendedorismo constitui-se como elemento estratégico na formação de indivíduos capazes de intervir na sociedade de forma crítica, criativa e autônoma.



Nas páginas ímpares, a partir da página 3, inserir os sobrenomes dos autores, alinhados à esquerda, em Times, 10 pt, usando o seguinte formato:

Para um autor: Silva

Para dois autores: Silva e Souza

Para três autores: Silva, Souza e Ferreira

Para quatro ou mais autores: Silva *et al.*

Neste fim, a principal função da IES não é simplesmente formar indivíduos em sentido profissional e sim, constituir-se como espaço de desenvolvimento de iniciativas que estimulam a autonomia intelectual, a criatividade e a interação com demandas contemporâneas (Dias Sobrinho, 1999).

Dolabela (2003) e Fillion (1999) defendem que a educação empreendedora não é apenas um instrumento para o mercado, ela precisa ser compreendida como um processo formativo e cultural, possibilitando que o estudante se reconheça como indivíduo de transformação. A formação empreendedora ultrapassa os limites das disciplinas isoladas, envolve diferentes campos do conhecimento e requer competências transversais. De acordo com Kuratko (2016), a educação empreendedora no ensino superior deve promover a integração curricular e extracurricular, considerando a pluralidade de áreas e trajetórias formativas. Ainda segundo o autor, a educação empreendedora forma indivíduos criativos, resilientes, colaborativos e capazes de liderar processos de mudança.

Do ponto de vista conceitual, refletir acerca da educação para o empreendedorismo é compreendê-la sob diferentes dimensões: econômica, comportamental, sociocultural e educacional.

- Dimensão econômica: tradicionalmente vinculada à criação de novos empreendimentos e ao estímulo ao crescimento econômico (Hisrich; Peters; Shepherd, 2014).
- Dimensão comportamental: baseada em estudos como os de McClelland (1973), que identificaram características empreendedoras associadas à motivação por realização, liderança e iniciativa.
- Dimensão sociocultural: que entende o empreendedor como agente de transformação social, capaz de gerar impacto comunitário e propor soluções para problemas coletivos (Singer; Amar, 2007; Yunus, 2010).
- Dimensão educacional e emancipatória: na qual o empreendedorismo é visto como um meio de formação crítica e autônoma, mais do que como instrumento mercadológico (Dolabela, 2003).

A compreensão integrada dessas dimensões permite à IES formar profissionais com visão sistêmica e capacidade de intervenção transformadora. Além desses aspectos, a educação empreendedora também promove a construção de competências essenciais ao mundo contemporâneo. Habilidades como liderança, criatividade, resiliência, capacidade de negociação, pensamento crítico e colaboração são estimuladas por meio de metodologias ativas e projetos interdisciplinares. Ao articular conhecimento acadêmico e prática inovadora, a IES transforma a educação empreendedora em um processo de aprendizagem contínuo, capaz de gerar impacto tanto na vida profissional quanto na atuação social dos estudantes.

O empreendedorismo é fundamental para a nossa sociedade; ganhando cada vez mais destaque ao longo dos anos, visto como motor da economia. Empresas empreendedoras contribuem para o bem-estar social e econômico à medida que aumentam sua capacidade inovadora. Assim, o conceito de universidade com formação empreendedora surge da mudança de um ambiente acadêmico conservador para um ambiente gerador de conhecimento que integra o crescimento econômico e o desenvolvimento social com o ensino, a pesquisa e a extensão.

Para González Moreno, López Muñoz e Pérez Morote (2019), a educação para o empreendedorismo pode ser a chave para o sucesso no processo de criação de novos empreendimentos. A formação empreendedora, nesse contexto, exige experiências de aprendizagem ativas, laboratórios de inovação, incubadoras, projetos interdisciplinares,



projetos de extensão e desafios reais de resolução de problemas, que permitam ao estudante vivenciar novas práticas, a experimentação e a colaboração (Neck; Greene, 2011).

Entretanto, apesar de muitos avanços, ainda existem desafios à consolidação da educação empreendedora como prática institucional. A educação empreendedora enfrenta obstáculos estruturais, tais como: uma visão restrita ao mercado, que reduz o empreendedorismo à criação de *startups* e ignora seu potencial social, científico e cultural (Dolabela, 2008); o currículo fragmentado, que dificulta projetos interdisciplinares e aprendizagem por experiência (Morin, 2000; Zabala, 1998)e, a cultura docente tradicional, marcada pela centralidade da aula expositiva e pela resistência a metodologias ativas (Anastasiou; Alves, 2015). Superar tais desafios implica reconfigurar práticas pedagógicas, integrar teoria e prática, reconhecer saberes diversos e fomentar protagonismo estudantil.

Observa-se que a compreensão limitada do conceito de empreendedorismo como mera atividade econômica reduz seu potencial educativo e social (Dolabela, 2008); ademais, a cultura acadêmica tradicional, pautada na transmissão de conteúdos e na fragmentação dos saberes, dificulta a adoção de abordagens inovadoras e colaborativas. Neste entendimento, repensar o currículo e as práticas pedagógicas é fundamental para que a formação empreendedora esteja alinhada à produção de conhecimento e ao desenvolvimento humano integral.

Cabe acrescentar ainda que, apesar de muitas vezes utilizados como sinônimos, termos como educação empreendedora e empreendedorismo acadêmico representam dimensões distintas e complementares dentro do ensino superior. A educação empreendedora diz respeito ao processo formativo amplo, voltado à construção de competências como criatividade, pensamento crítico, protagonismo e capacidade de gerar soluções inovadoras em diferentes contextos sociais e profissionais, conforme destacado por autores como Dolabela (2008) e Kuratko (2016). O empreendedorismo acadêmico, por sua vez, refere-se a práticas específicas ligadas à transformação do conhecimento científico em inovação, incluindo a criação de *startups*, spin-offs, patentes, incubadoras e parcerias universidade-empresa, conforme discutido no modelo da Triple Helix apresentado por autores como Etzkowitz e Leydesdorff (2000). Distinguir estes termos é essencial, pois possibilita compreender que formar indivíduos empreendedores é mais amplo do que apenas estimular a geração de novos negócios. Neste cenário atual, é importante promover uma cultura institucional de interação entre ciência, sociedade e inovação.

Para consolidar uma cultura empreendedora, as IES precisam desenvolver políticas institucionais, que articulem três eixos estratégicos: (1) formação docente, com capacitação em metodologias ativas e abordagens orientadas por projetos; (2) criação de ambientes e laboratórios, como incubadoras e aceleradoras estudantis; e (3) fortalecer parcerias com empresas, governo e organizações sociais. Ao alinhar educação empreendedora e empreendedorismo acadêmico, as IES deixam de atuar apenas como transmissoras de conhecimento e passam a atuar como orquestradoras de redes de transformação social e econômica.

COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS: CONCEITOS E ABORDAGENS

Compreensões acerca da competência empreendedora tem ganhado destaque nas discussões sobre formação universitária, desenvolvimento humano e inovação. Isto porque, as competências empreendedoras articulam dimensões cognitivas, atitudinais, emocionais e sociais, configurando-se como um conjunto de saberes direcionados à criação de soluções, identificação de oportunidades e atuação crítica em diferentes contextos (Filion, 1999).

Para McClelland (1973), o comportamento empreendedor pode ser associado a características como iniciativa, autonomia, persistência, realização e capacidade de assumir



Nas páginas ímpares, a partir da página 3, inserir os sobrenomes dos autores, alinhados à esquerda, em Times, 10 pt, usando o seguinte formato:

Para um autor: Silva

Para dois autores: Silva e Souza

Para três autores: Silva, Souza e Ferreira

Para quatro ou mais autores: Silva *et al.*

riscos calculados. Timmons (1994) amplia essa perspectiva, destacando a importância das competências associadas à resolução de problemas, flexibilidade, criatividade, cooperação, aprendizagem contínua e liderança.

Dolabela (2008) e Dornelas (2023) afirmam que as competências empreendedoras podem ser estimuladas como processos formativos que envolvem atitudes, valores e modos de pensar. O empreendedorismo deste modo, está ligado ao autoconhecimento, a capacidade de construir sentidos e a compreensão do papel do indivíduo em sua realidade (Dolabela, 2008). A formação empreendedora então, não se restringe à simples abertura de negócios, mas compreende o desenvolvimento de protagonismo e da autonomia, na capacidade do indivíduo de agir com pertinência em situações complexas e inéditas, mobilizando saberes diversos.

A seguir, conforme quadro 1 abaixo, uma breve análise das definições e enfoques sobre competências empreendedoras, segundo autores de destaque.

Quadro 1 - Conceitos de Competências Empreendedoras — Autores e Definições

Autor/Ano	Conceito / Enfoque de Competências Empreendedoras
McClelland (1973)	Define competência empreendedora como um conjunto de características comportamentais associadas à necessidade de realização, iniciativa, persistência, busca de oportunidades e disposição para assumir riscos moderados.
Timmons (1994)	Define competências empreendedoras como oportunidades, habilidade de mobilizar recursos, resolver problemas complexos e liderar equipes em cenários de incerteza.
Filion (1999)	Compreende competência empreendedora como visão de futuro articulada com planejamento e ação, orientada pela capacidade de imaginar, projetar e implementar novos caminhos.
Dolabela (2003; 2008)	Propõe que as competências empreendedoras são formativas e culturais, relacionadas ao autoconhecimento, autonomia, criatividade e capacidade de ressignificar a realidade.
Dornelas (2023)	Define competências empreendedoras como a combinação de conhecimento técnico, atitudes proativas e habilidades sociais, aplicadas à inovação e à criação de valor.
Neck e Greene (2011)	Defendem que a competência empreendedora é experiencial, construída por meio de vivências práticas que envolvem criação, aprendizado e adaptação contínua.
Hahn et al. (2017)	Conceituam conhecimento e competência empreendedora como interação entre atitudes, valores, habilidades e recursos cognitivos que permitem identificar e agir sobre oportunidades.
Bird (1995)	Define competência como capacidades individuais que permitem transformar intenções empreendedoras em ações concretas, integrando conhecimentos, habilidades e atitudes.
Man e Lau (2005)	Competências são clusters de habilidades e comportamentos que afetam o desempenho empresarial, classificadas em competência de oportunidade, relacionamento, conceito, organização e estratégica.

Fonte: Levantamento realizado pela autora (2025)



Neste entendimento, é importante destacar que as competências não são estáticas, e sim, construídas na interação com experiências, aprendizagens e desafios. E, neste contexto, o ensino superior desempenha papel central; conforme destaca Leite (2016), a IES é percebida como espaço de desenvolvimento, oportuniza aos estudantes vivências e experiências não apenas acadêmicas, mas também culturais, esportivas, afetivas e relacionais, oferece oportunidades de aprendizagem que podem fomentar novas competências, estruturadas em abordagens pedagógicas inovadoras.

O conhecimento oportunizado pela universidade não regula apenas conceitos, mas, também, valores, práticas, culturas e corpos. A educação é libertadora; transforma o indivíduo em um homem responsável, crítico, habilitado a tomar decisões, a escolher suas possibilidades e capaz de compreender os movimentos de transformação nos níveis mundiais e interculturais.

Para o desenvolvimento de competências empreendedoras, conforme Awadalla (2023), faz-se importante a vivência de situações reais ou simuladas, nas quais o estudante possa experimentar, refletir, construir conhecimento e tomar decisões. Para isso, o currículo e a metodologia podem ajudar os estudantes a se descobrirem e a desenvolver habilidades de comunicação, autoconfiança, criatividade e carreira.

Ainda, de acordo com o autor, há algumas ações que podem ser aplicadas no ensino superior para melhorar a educação para o empreendedorismo e o desenvolvimento de novas competências, como: fomentar programas de mobilidade acadêmica internacional; criar oportunidades para os estudantes participarem de atividades sociais e internacionais, como centros de empreendedorismo e desenvolvimento de carreira, *workshops*, competições com outras instituições de ensino para incentivar os estudantes e ampliar sua mentalidade empreendedora; promover/realizar a semana de empreendedorismo para incentivar os estudantes a prosseguir empreendimentos empresariais; estabelecer uma rede de pesquisa especializada em transferência de tecnologia e marketing, com vistas a acompanhar projetos de pesquisa, promover oportunidades de financiamento e patentes.

Desta forma, ambientes como empresas juniores, projetos de extensão, laboratórios de inovação e incubadoras acadêmicas são exemplos de espaços que favorecem a aprendizagem empreendedora por meio da prática. Há ainda, a necessidade de prover algumas mudanças nas práticas de ensino. Metodologias ativas, trabalhos interdisciplinares, aprendizagem baseada em problemas e aprendizagem baseada em projetos são estratégias que ampliam a autonomia do estudante e favorecem o pensamento crítico e criativo (Morin, 2015).

Nesse sentido, as competências não são apenas ensinadas, mas construídas de forma processual e colaborativa. O desenvolvimento de competências empreendedoras não pode dissociar-se das realidades locais, das demandas sociais e das possibilidades de transformação do território. Partindo deste entendimento, compreender o empreendedorismo como prática educativa exige, portanto, uma abordagem que valorize a autonomia, a criticidade e o compromisso social. A formação por competências deve estimular a construção de identidades empreendedoras plurais, capazes de articular conhecimento, ação e responsabilidade.

Desse modo, é possível observar que, nos últimos anos, o sistema educativo tem sofrido muitas mudanças e a educação para o empreendedorismo, para o desenvolvimento de novas competências tornou-se um dos principais canais para a solução de muitos problemas que podem surgir na absorção de profissionais pelo mercado (González Moreno; López Muñoz; Pérez Morote, 2019). O ensino superior pode favorecer não apenas a empregabilidade, mas também a criação de novas formas de atuação profissional e de produção de conhecimento.

É importante ainda, destacar que o conhecimento empreendedor é um conceito multidimensional, que inclui a compreensão das ações para iniciar um negócio, atitudes, valores e motivações típicas dos empreendedores, bem como o desenvolvimento de



Nas páginas ímpares, a partir da página 3, inserir os sobrenomes dos autores, alinhados à esquerda, em Times, 10 pt, usando o seguinte formato:

Para um autor: Silva

Para dois autores: Silva e Souza

Para três autores: Silva, Souza e Ferreira

Para quatro ou mais autores: Silva *et al.*

competências práticas, habilidades e recursos para identificar uma oportunidade e agir sobre ela (Hahn; Minola; Van gils; Huybrechts, 2017).

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO: REFLEXÕES À LUZ DA PERSPECTIVA EDUCACIONAL

A produção de conhecimento é reconhecidamente um dos pilares das instituições de ensino superior, em especial, da universidade, associada à pesquisa científica, à formação de profissionais e ao desenvolvimento intelectual. Entretanto, nas últimas décadas, esse papel tem se ampliado em direção à inovação, à resolução de problemas sociais e à articulação com diferentes setores da sociedade. O ensino superior deixa de ser uma instância transmissora e passa a atuar como espaço de criação, circulação e aplicação de saberes, em diálogo com múltiplas demandas contemporâneas. Desta forma, as possibilidades de ressignificação da produção de conhecimento no contexto universitário emergem não necessariamente de mudanças exógenas, mas de novas reflexões epistemológicas e pedagógicas que reposicionem os indivíduos e suas práticas.

Ademais, reconhece-se a necessidade das IES promoverem uma cultura de pesquisa integrada à formação. De acordo com Demo (2011), pesquisar não é simplesmente produzir dados, informações ou resultados, mas desenvolver a autonomia intelectual e uma atitude investigativa. Quando a pesquisa é compreendida como princípio educativo e não como mera obrigação institucional, o conhecimento deixa de ser um produto e passa a ser uma experiência formativa enriquecedora. Essa perspectiva sugere que o estudante universitário não deve ser visto somente como receptor de conteúdos, mas como sujeito capaz de interrogar a realidade e produzir respostas próprias.

Nesse sentido, a relação entre empreendedorismo e produção de conhecimento ganha centralidade, à medida que práticas inovadoras e colaborativas favorecem a construção de soluções originais e a aproximação entre teoria e prática. Para além disso, os problemas sociais contemporâneos demandam abordagens interdisciplinares e transdisciplinares (Morin, 2015), as IES podem tornar-se locus de convergência, abrindo-se a processos colaborativos de produção do saber, produzindo conhecimento não apenas para o mundo, mas com o mundo; trata-se de um fazer científico para os sujeitos, para a cooperação e para o compromisso público.

Neste entendimento, a produção de conhecimento e o empreendedorismo no contexto universitário apresentam-se como dimensões interdependentes na formação de indivíduos capazes de intervir na realidade de forma crítica, criativa e inovadora. Enquanto a IES desempenha papel estratégico na sistematização de saberes e na construção de conhecimento científico, o empreendedorismo acadêmico surge como prática que transforma esse conhecimento em soluções aplicáveis, estimulando autonomia, iniciativa e visão estratégica (Dornelas, 2023; Kuratko, 2016). A integração dessas dimensões permite que o estudante não apenas compreenda teorias, mas também aprenda a mobilizá-las para gerar valor social, econômico e cultural.

Philpott *et al* (2011) destacam que, além de reconhecer que diferentes tipos de atividades empreendedoras contribuem para a missão acadêmica, o movimento do ensino superior em direção ao ideal empreendedor irá variar dependendo do histórico e dos pontos fortes de cada instituição de ensino. O ensino superior não é uniforme; existem diferenças significativas entre os sistemas de ensino superior em diferentes países e até mesmo entre instituições dentro do mesmo sistema educacional. Assim, a capacidade de uma universidade de se envolver



efetivamente em atividades empreendedoras será limitada por seu contexto e capacidade e capacidade de base de recursos.

A perspectiva da “universidade empreendedora”, discutida por Etzkowitz (2009) e por Philpott *et al* (2011), reforça a ideia de um fenômeno global onde, o ensino superior deve articular ensino, pesquisa e extensão com políticas de inovação, desenvolvimento regional e criação de novos ambientes formativos. Essa articulação se concretiza em ecossistemas acadêmicos que envolvem incubadoras, startups universitárias, empresas juniores, laboratórios criativos, parques tecnológicos e núcleos de inovação tecnológica. IES que buscam uma trajetória empreendedora procuram alinhar sua missão acadêmica com o desenvolvimento econômico, alcançando o alinhamento entre as missões de ensino, pesquisa e extensão com o desenvolvimento econômico.

Neste contexto, a noção de produção de conhecimento ultrapassa a simples ideia de geração de informações e passa a incluir processos de coaprendizagem, cooperação interdisciplinar e diálogo entre saberes científicos, tecnológicos e populares. Essa visão sustenta a concepção de que a inovação nasce também do encontro entre indivíduos, da interação, experiências e contextos diversos, não se limitando a contextos empresariais. Por esta razão, defende Philpott *et al* (2011), é importante ir além das perspectivas tradicionais de pesquisa e reforma de políticas para compreender o papel mutável do ensino superior.

Ao considerar o ensino superior como espaço de produção empreendedora do conhecimento, é possível identificar práticas que promovem a participação ativa dos estudantes na construção de soluções inovadoras. Projetos de extensão, práticas e atividades acadêmicas que possibilitem a criar oportunidades para que o conhecimento seja mobilizado de forma prática, coletiva e contextualizada. A interdisciplinaridade, nesse processo, constitui elemento fundamental, pois conecta diferentes áreas do saber e amplia a capacidade criativa.

Deste modo, para compreender as mudanças no papel das universidades como produtoras de conhecimento, é preciso olhar além da vida interna das universidades e focar em como elas se situam em um contexto social e político mais amplo de relações de poder em transformação. ideias em mudança sobre o conhecimento e seus usos, e mudanças nas relações entre universidades e sociedade.

Pensar em inovação no ensino superior, não é simplesmente compreender que trata-se da adoção de tecnologias ou criação de novos produtos. Trata-se de um processo que envolve mudanças nos modos/práticas de ensinar, aprender e produzir conhecimento. A construção coletiva do saber, a integração entre ensino, pesquisa e extensão são dimensões que contribuem para uma universidade inovadora e empreendedora. Conforme Dornelas (2023), as inovações que geram valor, demandam conhecimento profundo do problema e da técnica que leva à solução. Conforme o autor, se o empreendedor não tem o hábito de pesquisar e não domina determinada área do conhecimento considerada crucial para sua atuação no mercado, dificilmente vai inovar.

As IES são vistas como um ambiente favorável para estimular o empreendedorismo e apoiar os estudantes no desenvolvimento do conhecimento empreendedor (Hahn; Minola; Van gils; Huybrechts, 2017). Desta forma, a articulação entre educação para o empreendedorismo, desenvolvimento de competências empreendedoras e produção de conhecimento no ensino superior evidencia um movimento de ressignificar o papel das IES na sociedade contemporânea, convocadas a promover experiências formativas que estimulem a autonomia intelectual, a capacidade de inovação e a intervenção social crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Nas páginas ímpares, a partir da página 3, inserir os sobrenomes dos autores, alinhados à esquerda, em Times, 10 pt, usando o seguinte formato:
Para um autor: Silva
Para dois autores: Silva e Souza
Para três autores: Silva, Souza e Ferreira
Para quatro ou mais autores: Silva *et al.*

As reflexões realizadas possibilitaram o entendimento de que a instituição de ensino precisa garantir ao estudante o domínio do próprio processo de construção do conhecimento, oportunizando não apenas a formação acadêmica, como também o desenvolvimento de habilidades e competências daqueles que experienciaram o sabor do saber.

À luz do estudo, é importante que as instituições de ensino superior ofereçam oportunidades para que os estudantes possam se envolver em experiências empreendedoras, estimulem a mobilidade acadêmica de estudantes com vistas à compartilhar experiências na área de empreendedorismo, estabelecendo também parcerias e troca de experiências entre outras instituições de pesquisa, aceleradoras de negócios e centros de empreendedorismo. Além disso, é importante também a criação de incubadoras para aprimorar as ideias criativas dos estudantes e apoiando aqueles que buscam o empreendedorismo. Como ações propositivas, recomenda-se: a implantação de políticas institucionais que integrem currículo e ecossistemas de inovação; oferta de formação docente para metodologias ativas; realização de pesquisas empíricas, como estudos de caso, avaliações de impacto que examinem como e em que condições a educação empreendedora efetivamente desenvolve competências e gera conhecimento relevante.

A educação é ser um processo permanente, exerce um papel fundamental na formação de capacidades transformadoras como componentes estratégicos para o desenvolvimento tecnológico, cultural e socioeconômico da sociedade; é responsável pela criação, disseminação e aplicação do conhecimento. As IES são vistas como um ambiente favorável para estimular o empreendedorismo e apoiar os estudantes no desenvolvimento do conhecimento empreendedor.

Globalmente, o ensino superior proporciona os conhecimentos, competências e atitudes necessárias relacionadas com o empreendedorismo, promovendo o desenvolvimento de competências empreendedoras entre os estudantes, capacitando-os com as habilidades imprescindíveis para ingressar no mercado de trabalho e estabelecer empresas. Para isso, observa-se que uma instituição de ensino superior que objetiva formar empreendedores deve ser flexível, eficiente, criativa e inovadora para poder se adaptar às mudanças e não perder oportunidades em vários campos.

Nem todos os estudantes precisam ser tornar empreendedores, mas é importante que possam despertar a consciência empreendedora e a inovação com o desenvolvimento de competências na resposta aos desafios do mercado. Compreende-se que o empreendedor é um agente catalisador de sinergia e inovação frente a qualquer projeto pessoal ou profissional; é sujeito pró-ativo em desafio permanente às oportunidades e riscos. O comportamento empreendedor impulsiona o indivíduo a transformar contextos, a vencer obstáculos e dificuldades. Para isso, as instituições precisam fazer uso de recursos e metodologias de aprendizagem de casos e situações da vida real para que os estudantes conheçam o propósito do estudo e dos projetos, por meio de uma aprendizagem baseada em projetos e problemas, assumindo, deste modo, uma abordagem orientada para a prática que visa recriar – num ambiente educativo – o contexto em que os empreendedores aprendem.

Em síntese, a educação empreendedora concebida como prática de formação e de produção de conhecimento tem potencial para fortalecer a missão pública das Instituições de Ensino Superior, articulando inovação, criticidade e compromisso social.

REFERÊNCIAS



ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de ensinagem na universidade**. Joinville: UNIVILLE, 2015.

AWADALLA, Heba. **Entrepreneurial education and the development of competencies in higher education**. London: Routledge, 2023.

BELL, Daniel. **The coming of post-industrial society: a venture in social forecasting**. New York: Basic Books, 1999.

BIRD, B. Towards a theory of entrepreneurial competency. *Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth*, v. 2, p. 51-72, 1995. Disponível em: https://www.academia.edu/1282975/Toward_a_theory_of_entrepreneurial_competency. Acesso em 03 out 2025.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

DIAS SOBRINHO, José. **Concepções de universidade e de avaliação institucional. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, [S.l.], v. 4, n. 2, 1999. ISSN 1982-5765. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/1030>. Acesso em: 30 set. 2025.

DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor: Prática e princípios**. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2016.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2008.

DOLABELA, Fernando. **O Segredo de Luísa**. São Paulo: Picture, 1999.

DOLABELA, Fernando. **A ponte mágica: empreendedorismo como caminho para a liberdade**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2003.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Atlas, 2023.

ETZKOWITZ, Henry. **The Triple Helix: university–industry–government innovation in action**. London: Routledge, 2009.

ETZKOWITZ, Henry; LEYDESDORFF, Loet. The dynamics of innovation: from National Systems and “Mode 2” to a Triple Helix of university–industry–government relations. *Research Policy*, v. 29, n. 2, p. 109-123, 2000.

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenas empresas. *Revista de Administração*, v. 34, n. 2, p. 5–28, 1999. Disponível em: <https://www.furb.br/2005/arquivos/774565-876438/Empreendedorimo.pdf>. Acesso em 04 out 2025.



Nas páginas ímpares, a partir da página 3, inserir os sobrenomes dos autores, alinhados à esquerda, em Times, 10 pt, usando o seguinte formato:

Para um autor: Silva

Para dois autores: Silva e Souza

Para três autores: Silva, Souza e Ferreira

Para quatro ou mais autores: Silva *et al.*

GONZÁLEZ MORENO, Á.; LÓPEZ MUÑOZ, L.; PÉREZ MOROTE, R. O papel do ensino superior no desenvolvimento de competências empreendedoras: alguns insights da Universidade Castilla-La Mancha na Espanha. **Almirante Sci**, n.9, 2019. Disponível em:<https://doi.org/10.3390/admsci9010016> Acesso em 05 set 2025.

HAHN, D.; MINOLA, T.; VAN GILS, A.; HUYBRECHTS, J. Educação empreendedora e aprendizagem nas universidades: explorando contingências multiníveis. **Empreendedorismo e Desenvolvimento Regional**, n.29, p. 945–974, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/08985626.2017.1376542> . Acesso em 30 set 2025.

HENRIQUE, Daniel Christian; CUNHA, Sieglinde Kindl da. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, n. 9, v.5, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/NHRbKr8SH9Trw7JRqV6LZVD/?format=html&lang=pt>. Acesso em 04 out 2025.

KURATKO, Donald F. **Entrepreneurship: theory, process, practice**. Mason, OH: Cengage Learning, 2016.

LEITE, Rita de Cássia Nascimento. **A formação de si (Bildung) do estudante universitário**. 195 fls. Salvador, 2016. Tese (Doutorado) Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Orientador: Profª Drª Sonia Maria Rocha Sampaio.

MAN, T. W. Y.; LAU, T. Entrepreneurial competencies of SME owner/managers in the Hong Kong services sector. **Human Resource Development Quarterly**, v. 16, n. 2, p. 135-152, 2005.

MCCLELLAND, David C. Testing for competence rather than for intelligence. **American Psychologist**, v. 28, n. 1, p. 1–14, 1973. Disponível em: <https://www.therapiebreve.be/documents/mcclelland-1973.pdf>. Acesso em 03 out 2025.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NECK, Heidi M.; GREENE, Patricia G. Entrepreneurship education: known worlds and new frontiers. **Journal of Small Business Management**, v. 49, n. 1, p. 55-70, 2011. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1540-627X.2010.00314.x>. Acesso em 04 out 2025.

PHILPOTT, Kevin; DOOLEY, Lawrence; O'REILLY, Caroline; LUPTON, Gary. The entrepreneurial university: Examining the underlying academic tensions. **Technovation**, n. 31, p.161–170, 2011. Disponível em:



<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S01664972100013> . Acesso em 03 out 2025.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SINGER, Alan; AMAR, Michael. **Social entrepreneurship**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

TIMMONS, Jeffry A. **New venture creation: entrepreneurship for the 21st century**. Chicago: Irwin, 1994.

YUNUS, Muhammad. **Empresas para todos**. São Paulo: Elsevier, 2010.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

